

A tensão diplomática entre Ancara e Moscovo enquanto janela de oportunidade

PAULO GORJÃO

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)

No dia 24 de Novembro, quando a força aérea turca abateu um caça russo em território sírio depois de violar o seu espaço aéreo, o Presidente da Turquia estaria longe de imaginar o que viriam a ser as repercussões deste incidente militar. Numa primeira reacção, o Presidente da Rússia validaria um decreto que impunha um conjunto de penalizações económicas à Turquia.¹ Posteriormente, à margem da Cimeira do Clima em Paris, Vladimir Putin adoptou uma postura ainda mais intransigente e recusou qualquer encontro com Recep Tayyip Erdogan que pudesse contribuir para diminuir a tensão diplomática. Olhando para os acontecimentos dos últimos oito dias, parece claro que o Putin quer dar uma lição inesquecível a Erdogan. Uma semana depois do incidente, Putin reafirmou ter “razões para pensar que a decisão de abater o caça russo foi ditada pelo desejo de proteger

as linhas de abastecimento de petróleo para o território turco, directamente para os portos onde é carregado em petroleiros”. O Presidente russo disse ainda que recebeu “informações adicionais que, infelizmente, confirmam que este petróleo, produzido em áreas controladas pelo Estado Islâmico e outras organizações terroristas, é transportado em escala industrial para a Turquia”.² Entretanto, o vice-ministro da Defesa, Anatoly Antonov, deu mais um passo e acusou Erdogan e a sua família de beneficiarem do comércio ilegal de petróleo com o Estado Islâmico,³ acusação que o Presidente turco já desmentiu mais do que uma vez.⁴

Como se verifica, as relações bilaterais entre a Rússia e a Turquia continuam a deteriorar-se sem que se aviste, por agora, uma luz ao fim do túnel. Naturalmente, não é um pormenor despiciendo se Erdogan está ou não envolvido no comércio ilegal de petróleo com o Estado Islâmico. Independentemente do seu envolvimento, é um segredo público que o grosso do petróleo do Estado Is-

1 Putin decidiu embargar um conjunto de produtos turcos; proibir o prolongamento e a renovação de contratos de trabalho de turcos na Rússia com efeitos a 1 de Janeiro de 2016; decretar o fim dos voos charter entre os dois países; proibir a venda de pacotes de viagens, por parte das agências russas, para a Turquia; reinstituir os vistos obrigatórios nas viagens entre os dois países; reforçar o controlo às operadoras aéreas turcas na Rússia por “razões de segurança”. Ver David Santiago, “Depois de aplicar sanções à Turquia, Putin rejeita encontrar-se com Erdogan” (*Jornal de Negócios online*, 30 de Novembro de 2015).

2 Vince Chadwick, “Russia: Turkey shot down plane to protect ISIL oil trade” (*Político*, 1 de Dezembro de 2015).

3 Maria Tsvetkova e Lidia Kelly, “Russia says it has proof Turkey involved in Islamic State oil trade” (*Reuters*, 2 de Dezembro de 2015).

4 Story Hinckley, “Russia: Turkey’s Erdogan is in the oil business with ISIS” (*The Christian Science Monitor*, 2 de Dezembro de 2015).



lâmico oriundo do Iraque e da Síria é escoado através da Turquia. Por outras palavras, é incontroverso que a Turquia não faz tudo o que está ao seu alcance, muito pelo contrário, para colocar um travão nessas rotas de escoamento do petróleo sírio e iraquiano extraído nas áreas sob controlo do Estado Islâmico.

É certo que, com a excepção da população anónima, não há anjos inocentes no conflito sírio. A Turquia e a Rússia têm os seus interesses nacionais e as suas agendas estratégicas próprias, como têm aliás os Estados europeus, os EUA, ou os países do Médio Oriente. Dito isto, o *upgrade* na tensão política e militar entre Ancara e Moscovo não é necessariamente uma má notícia do ponto de vista europeu em particular, ainda que envolva riscos que não são negligenciáveis para a Aliança Atlântica.

No mínimo dos mínimos, a Turquia vai ter de prescindir da sua conduta diplomática ambígua. A intensa pressão diplomática russa retira autonomia estratégica a Erdo-

gan e obrigará, pelo menos em teoria, a uma certa clarificação diplomática. Em vez de uma preocupação central e quase exclusiva com a vertente curda do conflito, uma das consequências indirectas da tensão política com Moscovo é que obrigará a um maior empenho de Ancara no combate ao Estado Islâmico, incluindo os seus mecanismos de financiamento, com especial destaque para os meios de escoamento do seu petróleo.

Ao abater um avião militar russo, a Turquia terá dado um passo maior do que a perna. Sabemos como começou a crise diplomática entre Ancara e Moscovo, mas estamos ainda longe de saber como e quando terminará. Entretanto, ao mesmo tempo que reafirmam uma frente unida no seio da NATO, os Estados europeus devem tirar o máximo partido desta janela de oportunidade e pressionar Erdogan para que a Turquia contribua de forma mais eficaz e substantiva no combate ao Estado Islâmico. Não há almoços grátis.

EDITOR | Paulo Gorjão

EDITOR ASSISTENTE | Gustavo Plácido dos Santos

DESIGN | Atelier Teresa Cardoso Bastos

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)
Rua da Junqueira, 188 - 1349-001 Lisboa
PORTUGAL

<http://www.ipris.org>
email: ipris@ipris.org

IPRIS Comentário é uma publicação do IPRIS.

As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente as opiniões do IPRIS.

Parceiros



Mecenas

